

A QUESTÃO DO EROTISMO EM A FORÇA DO DESTINO, DE NÉLIDA PIÑÓN¹

THE EROTICISM IN THE FORCE OF DESTINY, OF NÉLIDA PIÑÓN

Cristina Cardoso²

Marta Lia Genro Appel³

RESUMO

O objetivo do trabalho foi analisar a forma utilizada pela autora Nélida Piñón para tratar o erotismo na sua obra "A Força do Destino". Partindo-se da definição de erotismo, mostrou-se que o desejo carnal, a honra maculada, o assassinio e os desejos velados do incesto e da batina são alvo de uma situação que aterra o ser humano: o desejo do prazer sexual, da sexualidade aberrante que se afirma entre a descontinuidade dos seres. Ou seja, num sentido, o prazer sexual interdito declarado na obra é a vertigem fascinante que a morte desperta. O sofrimento é envolvido nesta relação erótica, pois só o sofrimento revela a inteira significação do ser amado: se o amante não pode possuir o ser amado, prefere, muitas vezes, matar a perdê-lo, como ocorre na obra. Essa fúria de paixão acarreta uma desordem tão violenta que a felicidade dos amantes, antes de ser uma felicidade cujo prazer é possível, é tão grande que pode ser comparada ao sofrimento, seu oposto – e a intensidade de sentimentos provocada é altamente erótica. Portanto, o que caracteriza a paixão é o halo da morte – ligado ao prazer absoluto e à transgressão, que ultrapassa e completa o proibido.

Palavras-chave: erotismo, interdito, transgressão, prazer, morte.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyse the form used by the author Nélida Piñón to treat the eroticism, in the work "The force of destiny". Starting with the definition of eroticism, we intend to show that the carnal desire, the maculated honor, the assassination and the hidden wishes of the incest and of the cassock are the aim of a situation which frightens the human being: the desire of sexual pleasure, the exaggerating sensuality that ratifies itself in the discontinuity of beings. In a sense, the prohibited sexual

¹ Trabalho Final de Graduação.

² Aluna do Curso de Letras-Português - UNIFRA.

³ Orientadora.

satisfaction showed in the work is the enchanting ecstasy that the death awakes. The suffering is involved in this lascivious relationship, because only the suffering reveals the entire signification of the loved being: if the lover can't possess the loved being, he/she would prefer, many times, kill him/her instead of losing him/her, as occurs in the work. This furiousness of passion produces a so violent confusion that the happiness of the lovers, instead of being a happiness whose pleasure is possible, is so great that can be compared with the suffering, it's opposite – and the intensity of feelings is highly erotical. Therefore, what characterizes the passion is the proximity with the death, together with absolute pleasure and with the infringement, that ultrapasses and completes the prohibited.

Key words: eroticism, transgression, pleasure, death.

INTRODUÇÃO

Nélida Piñon é considerada pela crítica atual como uma das mais importantes escritoras dentro do contexto nacional. Nascida no Rio de Janeiro, possui ascendência galega e estreou na literatura em 1961, com o romance “Guia mapa de Gabriel Arcanjo”. Com publicações como “A força do destino”, “A república dos sonhos” e “A doce canção de Caetana”, recebeu inúmeros prêmios e honrarias no Brasil e no exterior (obteve, inclusive, o prêmio Juan Rulfo de Literatura Latino-americana e do Caribe, considerado um dos mais importantes do panorama da literatura internacional). Lecionou na Universidade Federal do Rio de Janeiro e nas Universidades de Columbia, New York e The John Hopkins, de Baltimore. No final do ano de 1996, foi eleita para presidir a Academia Brasileira de Letras na gestão de 1997.

Lançada em 1977, “A força do destino” é considerada por JOSEF (1978, p.91), como obra que “manifesta uma dimensão crítica na própria estruturação”, pois faz com que o narrador-cronista adentre pelo território da dúvida, fazendo desaparecer o romancista da onisciência. Tanto o título quanto o tema do romance se originaram de uma das óperas de Verdi, “A força do destino”. A história se passa no fim do século XVII entre a Espanha e a Itália. Leonora, jovem de nobre família, encontra no orgulho familiar a barreira para casar com seu amado, Álvaro. Esgotados todos os apelos, o noivo decide raptar Leonora. Porém, o pai de Leonora descobre a trama e, em conflito com Álvaro, acaba sendo ferido mortal e acidentalmente pelo noivo de sua filha. Então, começa a tragédia na vida do casal pois, para todos os efeitos, Álvaro é considerado assassino do pai de Leonora. O casal

foge: Leonora entra para um convento e Álvaro vai guerrear. O destino faz com que o irmão de Leonora, Carlos, torne-se amigo de Álvaro antes de descobrir sua verdadeira identidade. Após essa descoberta, a tragédia termina em duelo: Carlos morre, matando, antes de morrer, sua própria irmã e Álvaro pena pelo resto de sua vida, vítima de profunda amargura, mesmo tendo também entrado para o convento em busca da piedade divina e de conforto para seu sofrimento. Com uma narrativa requintada, “A Força do Destino” é descrita por MEDINA (1978, p. 30) como possuidora de profundo domínio da língua literária, que ora se coloca na linguagem de um Alexandre Herculano, ora eleva cânticos à tragédia humana e ora desce ao palavreado marginal das ruas, quando os personagens relaxam a pose diante da cronista Nélide. CHAVES (1978), vai além, afirmando que é:

notável que este resultado tenha sido obtido por uma escritora brasileira assinalando a maturidade numa obra situada acima do subdesenvolvimento cultural [...] e, no entanto, tão profundamente nacional pela ousadia com que desmistifica clichês e frases-feitas da tradição importada.

Apesar de “A Força do Destino” chamar a atenção por realizar uma releitura da ópera homônima de Verdi e a maior parte da crítica a respeito da obra estar centrada nessa questão, o objetivo deste trabalho foi mostrar de que forma a autora Nélide Piñon desvela a questão erótica na narrativa desse romance. KUNDERA (1999) exprime esse sentimento atribuindo-o a uma personagem feminina, Sabina, em “*A insustentável leveza do ser*” e Piñon o utiliza para recheiar cada atitude, cada pensamento, cada movimento dos personagens de “A Força do Destino” de forma avassaladora.

Partindo-se da definição de erotismo, pretende-se mostrar que o desejo carnal, a honra maculada, o assassinio e os desejos velados do incesto e da batina observados na narrativa são alvo de uma mesma situação que aterra o ser dito “humano”: o desejo do prazer sexual, da sexualidade anormal que se afirma na descontinuidade dos seres e é despertada pelo proibido.

Primeiramente, será dada a definição de erotismo, seguida de breve explicitação sobre a descontinuidade dos seres e concretização do desejo erótico.

Em seguida, será exemplificada a questão do interdito e transgressão em “A Força do Destino”, de Nélide Piñon, seguida pelo assassinio e duelo, além da situação de incesto observados na obra. Em terceiro lugar, serão trabalhados a questão do casamento, do erotismo, da prostituição e o caráter erótico no misticismo, presentes na obra.

Por fim, será mostrada a situação do caráter extremo do erotismo presente na morte e observável na obra “A Força do Destino”, de Nélida Piñon.

DO EROTISMO

O erotismo, na concepção utilizada por CHEVALIER & GHEERBRANT, (1994, p.377) pode ser entendido como uma espécie de desejo, podendo chegar a uma sexualidade obsessiva. Entretanto, o erotismo é o símbolo dos impulsos vitais, desde o impulso obsceno até o impulso de uniões espiritualizadas. Além disso, é importante ressaltar a diferença existente entre o erótico e o pornográfico pois, no primeiro, sempre existirá um caráter estético ou mesmo um simbolismo que pode chegar ao místico.

A partir dessa concepção, pode-se afirmar, então, que os animais sexuais e os homens têm em comum a atividade sexual de reprodução mas, aparentemente, apenas os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, e a atividade sexual simples é diferenciada do erotismo, que é uma busca psicológica independente do fim natural encontrado na reprodução.

Ao analisar-se o erotismo dentro do aspecto histórico, ver-se-á que desde o Egito, pesar das representações eróticas que nos chegaram, com deuses copuladores, folguedos libertinos e imagens de genitais (que são o mais antigo testemunho da inquietação sexual), havia igualmente incontável número de proibições e condenações.

BATAILLE (1987) afirma que, em se tratando de erotismo, é necessário um conhecimento prévio ou experiência pessoal do interdito e da transgressão, pois o prazer maior se dará no momento que ultrapassamos o proibido.

A partir dessas considerações iniciais, será feita a análise do erotismo em “A Força do Destino”, de Nélida Piñon, levando-se em conta as questões do interdito e transgressão abordadas na obra.

CONCRETIZAÇÃO DO DESEJO ERÓTICO

A passagem do “estado normal” para o de desejo erótico supõe no ser humano o rompimento do ser constituído na ordem intermitente. No movimento de luxúria dos seres, a parte masculina tem, em princípio, um papel ativo, enquanto a parte feminina é passiva. E a concretização erótica

tem por princípio a destruição da estrutura do ser fechado que é um parceiro do jogo no estado normal.

Há uma fascinação fundamental da morte na passagem da atitude normal à erótica, pois o erotismo dos corpos tem algo de pesado, de sinistro. E a paixão arriscada provoca um alvoroço tão violento que a felicidade posta em questão, antes de ser felicidade em que é possível o deleite, é tão grande que é comparável a seu oposto, o sofrimento. As chances de sofrimento são tão grandes que só ele revela a verdadeira significação do ser amado.

De acordo com BATAILLE (1987, p.19), “se o amante não pode possuir o ser amado, algumas vezes pensa em matá-lo: muitas vezes ele preferia matar a perdê-lo. Ele deseja em outros casos sua própria morte”. Bataille assevera essa perspectiva quando amplia essa questão, afirmando que a união de dois amantes é efeito da paixão, e ela invoca a morte, tanto pelo desejo de matar quanto pelo suicídio, pois no sacrifício não existe apenas desnudamento, há imolação da vítima. A vítima morre, enquanto os assistentes participam de um elemento que revela sua morte: o instante, uma espécie de rito solene. Ou seja, o erotismo abre caminho para a morte e esta lhe dá o ilimitado do gozo possível.

O INTERDITO E A TRANSGRESSÃO EM A FORÇA DO DESTINO

As proibições deram ao homem a consciência, a ordem tranqüila que elimina os movimentos e atos transgressivos. De acordo com BATAILLE (1987, p.35-36), os interditos não são impostos de fora porque

aparecem na angústia, no momento em que “transgredimos” o interdito, sobretudo no momento suspenso quando ele ainda atua e que, mesmo assim, cedemos ao impulso a que ele se opunha. [...] Mas sentimos no momento da transgressão a angústia sem a qual o interdito não existiria: é a experiência do pecado.

Na obra “A Força do Destino” verificam-se as questões do interdito e da transgressão, que põem em xeque a honra feminina:

O que será de minha honra, Álvaro? Que honra, Leonora, casando-se comigo você recupera automaticamente a honra perdida com a fuga. É uma questão só de horas. Leonora abraçava-o aflita, não será fácil, você

precisa compreender que a virgindade de uma mulher, é um castelo com ponte levadiça, só se ergue com a autoridade do rei (PIÑON, 1977, p. 7).

No trecho supra, a protagonista Leonora revela um medo avassalador à transgressão. Porém, é tentada a experienciar o pecado, como no fragmento: “Por favor, jovem donzela, dissolva-se logo na luxúria, trepe com este inóspito cavalheiro, [...] (idem p.23). Mas seu destino deverá ser marcado. A tragédia e o sacrifício devem ser buscados para que o gozo verdadeiro se edifique plenamente: “Meu destino unicamente se engrandecerá se não me torno sua mulher. A tragédia deve abater-se sobre nós antes que o grande amor expire” (idem, p.24).

O ASSASSÍNIO E O DUELO

Em “A Força do Destino”, a verdade universal de que o duelo é permitido por condições mais ou menos previstas pelo corpo social é comprovada pelo caso de amor impossível, em que Álvaro é o amante que deseja desesperadamente Leonora, moça espanhola cuja nobre família não aceita o pretendente. Decidem, então, fugir. Porém o pai da moça, o Marquês de Calatrava, surge inesperadamente e interrompe as pretensões dos amantes, assustando-os: “Boa noite, Marquês, como vai passando o senhor? O que faz aqui a esta hora, seu ladrão de honra alheia?” (1977, p. 24). Apesar de Álvaro ser instigado a um duelo, acaba por causar a morte do Marquês de Calatrava de forma imprevista, acidentalmente. Em sua obra, BATAILLE (1987, p.68) afirma que “o assassinio é admissível no duelo”, e é justamente a partir daí que se configura o caráter de transgressão na morte do pai de Leonora – no momento em que é ferido mortalmente fora da disputa de um duelo.

O EROTISMO E A QUESTÃO DO INCESTO

LÉVI-STRAUSS (1989) registrou que a proibição do incesto constitui o passo fundamental da passagem da Natureza à Cultura. Haveria, então, no horror ao incesto, um elemento que distingue os seres humanos.

Em “A Força do Destino”, a fuga dos amantes é marcada pelo “assassinato” do Marquês de Calatrava por Álvaro. Em busca da honra perdida, o irmão de Leonora, Carlos, sai em busca do casal de amantes. Mas, nas entrelinhas, fica o desejo, o sentimento de posse de Carlos com

relação à irmã. Veja-se o fragmento em que Carlos recorda as características de Leonora:

Já na puberdade, os seios eram-lhe fartos, e não simples ornamentos florais. Deles parecia esguichar mel refinado, claro está que a imagem vale para quem aprecia tais coisas. Nunca teve ela recato. Movia as ancas como uma égua (1977, p. 38).

O sentimento de posse de Carlos com relação a Leonora superava o tangível por um amor fraterno, como também pode-se observar em:

Quero ser generoso, pai, esquecer que a irmã prometeu-me felicidade, haveria de ser minha, de mais ninguém. Era o que me dizia atrás do caramanchão. Fidelidade só se oferta a um irmão. Sobretudo porque brincávamos de marido e mulher, protegidos pelos arbustos (1977, p.41).

A relação incestuosa é interdito e, como tal, é focada como algo que “chama ao prazer” por detrás de arbustos, protegida dos olhos da consciência. E a busca da felicidade por meio do proibido caracteriza, aqui, mais um exemplo do caráter erótico presente na narrativa de Piñon.

A TRANSGRESSÃO NO CASAMENTO

Normalmente, o casamento é tido como algo que pouco tem a ver com o erotismo. O casamento é quadro da sexualidade lícita, mas assim como o assassinio, faz parte de um ritual que conduz ao prazer; o primeiro ato sexual que constitui o casamento é uma violação do sancionado (que afirma que o ato sexual deve servir à procriação).

Na obra “A Força do Destino” vemos o casamento intimamente ligado ao sentimento de posse e de defesa da honra. Como no fragmento: “Declarei-lhe, amo sua filha Leonora, minha louca ansiedade dirige-se ao seu leito virgem, [...] , que prometo proteger, enquanto peço-lhe a mão, para vir a honrar seu corpo até a morte” (1977, p.78).

Mas paradoxalmente à figura da mulher virgem e indefesa apresentada, tem-se a figura de um homem maculado, macho e viril como um animal, como pode-se observar no excerto:

Dom Álvaro é carnívoro, aprecia carne crua e sofrida. Não teme os ruídos das vítimas. Como machão, não se habituou a eleger, o corpo tornou-se uma agência que presta serviços a partir do momento que lhe rocem a pele. Usou as mulheres das Índias com tradicional desrespeito (...), no seu itinerário de poder sexual poupou unicamente a própria mãe (idem, p.79).

EROTISMO E A PROSTITUIÇÃO

Segundo BATAILLE (1987), no mundo animal, o odor da fêmea determina freqüentemente a busca do macho. Os sentidos de visão, audição, olfato e paladar percebem signos objetivos, que são anunciadores da crise. Nos limites humanos, esses signos têm um valor erótico intenso. Às vezes, uma jovem nua é a "imagem" do erotismo. Já o objeto do desejo é atravessado por ele.

Oferecer-se é fundamentalmente uma atitude feminina, que é acompanhada pelo sentimento de negação. De acordo com ALBERONI (1986), "aos olhos masculinos, a mulher vestida está distante, protegida. A roupa e a maquiagem têm sempre um duplo significado: de convite e de obstáculo." (1986: p.59) Já a prostituição propriamente dita é uma proposição onde inexistente fingimento. Na prostituição, a mulher se consagra à transgressão. Ou seja, o aspecto sagrado, interditado da atividade sexual, inexistente: a vida inteira da prostituta é dedicada à violação do interdito.

Em "A Força do Destino", Nélide Piñon põe o leitor à frente de Preziosilla, cortesã, introduzindo-a no trecho: "Preziosilla é uma cortesã" (1977, p.102).

O caráter preconceituoso contra o baixo nível da prostituição, entendida como proibido, é facilmente vislumbrado na passagem: "Verdi exigiu-lhe a presença, sem me ceder explicações. Suspeito que na juventude, chegou a tê-la no próprio leito, prometendo-lhe então a glória" (idem, p.13).

Preziosilla era prostituta de baixo nível. Cortesã à moda antiga, de saia godê, vermelha, seguia as trilhas dos exércitos italiano e espanhol. Nos momentos de trégua, servia aos dois. Ela não só era decaída, mas também lhe foi dada a possibilidade de conhecer sua queda, quando serve a Álvaro, oficial, na guerra, como pode-se ver no fragmento: "A vida é um pêssego colorido, ele riu, desafiando Preziosilla a dançar. Ela sentiu-se lisonjeada. Não tinha todos os dias um oficial na cama. Eles resistiam, eram também elitistas em sexo" (idem, p. 105-106)

No trecho acima observa-se que Preziosilla se sabe humana. Mesmo sem ter vergonha, ela pode ter consciência de viver como vivem os porcos e ser tratada como tal. Além disso, a obscenidade dos comportamentos e linguajar de cortesãs não se faz sentir por aqueles que participam de seu cotidiano. Só que, ao contrário, essa obscenidade oferece a possibilidade de um desnível vertiginoso àqueles que se conservam puros. Essa é mais uma maneira acentuada e significativa de erotismo.

O CARÁTER ERÓTICO NO MISTICISMO

A ligação da vida com a morte tem variados aspectos. Essa ligação é igualmente sensível na experiência sexual e na mística. Na vida religiosa, em que desequilíbrios não são raros, a sedução não tem freqüentemente o genital como objetivo, mas sim o erótico. Como afirma BATAILLE (1987, p. 215), no excerto: “o que obceca o religioso na tentação é bem aquilo de que ele ‘tem medo’. É no desejo da morte a si mesmo que se traduz sua aspiração à vida divinal”.

No trecho a seguir de “A Força do Destino”, Nélida Piñon põe o leitor em confronto com essa realidade: “Deus era pretexto para um exercício que os fazia pular fora da realidade. E graças a viagens assim sem regresso deviam a vida naquele convento, onde Leonora atracara” (1977, p. 55). Leonora é vista como possibilidade de violação à ordem instaurada porque dá vazão a sentimentos ocultos do abade que a recebe no convento, como pode-se observar no fragmento: “Desconheço a vocação sexual do abade... O certo é que há grande emoção no seu ‘gran Dio’. O lamento talvez de quem não saciou a carne antes dos votos” (idem, p. 64).

E quanto à ordem instaurada? Esta fica explícita no trecho que segue abaixo, em que o abade pode ser entendido como buscador do místico, de forma tão aberrante, que se aproxima do profano: “entrega-se a Deus de modo quase profano, sem medida sua paixão pela prece, o milagre e o convento” (idem, p. 90).

Para ilustrar de forma clara a questão erótica do misticismo, pode-se apoiar em Marie Bonaparte – citada por BATAILLE (1987, p. 210) – que apresenta uma passagem de Santa Tereza:

Eu vi então que ele tinha uma longa lança de ouro, cuja ponta parecia de fogo e senti como se ele a enterrasse várias vezes em meu coração, transpassando-a até minhas entranhas! Quando a retirava, parecia também arrancá-las, e me deixava embraseada no amor de Deus.

A dor era tão grande que me fazia gemer e, no entanto, a doçura dessa dor excessiva era tal que eu não podia querer livrar-me dela... A dor não é corporal, mas espiritual, se bem que o corpo tinha sua parte e mesmo uma larga parte. É uma carícia de amor tão doce que acontece então entre a alma e Deus que peço a Ele, em sua bondade, que a faça sentir aquele que pensa que estou mentindo!

Pode-se, então, deduzir que toda experiência mística não é nada além de sexualidade transferida, logo, conforme TEPE (1966, p.74), conduta neurótica:

... é demonstrado, fora de qualquer dúvida, hoje, depois de pesquisas de neurose quase centenárias, que as psiconeuroses são na essência perturbações da vida afetiva, que se originam sempre e sem exceção de conflitos psíquicos da vida instintiva.

Na obra "A Força do Destino", PIÑON (1977) traça reações do abade que provam tudo o que há de sangrento no misticismo – o desejo carnal, visto como pecado e interdito. Como se observa no trecho:

Diante do espelho eu via o meu membro pular, ficar de pé. Envergonhado, eu dependurava nele algumas orações, o único peso que aquela vara curta podia suportar. Porque a vagina da mulher, que pode sempre engolir mais do que se supõe, o teria certamente atormentado. Bastaria nela afundar uma só vez, para nunca mais abandonar aquele mar de sargaços, musgos, ah, de ervas místicas (p.79)

A partir do trecho acima, pode-se dizer que, para o cristão, o que é sagrado é forçosamente puro. O impuro está do lado profano (o desejo do abade: a conjunção carnal com Leonora). Em análise mais atenta, observa-se que Satã, no cristianismo, é próximo ao divino e ao pecado; então, não pode mais ser tomado como radicalmente estranho ao sagrado. Para o abade, o desejo foi reencontrado sob um aspecto que tomou o sentido de morte. Assim, a tentação (Leonora) tem, para ele, valor de morte. Dessa forma, a resistência do abade mantém nele, no momento da tentação, o sentimento de uma vertigem da perda.

DO EROTISMO E MORTE

Dom Carlos, buscando vingança, persegue Dom Álvaro até encontrá-lo no monastério de Hornacuelos, passados cinco anos da morte do Marquês de Calatrava. Nesse interim, Dom Álvaro transforma-se em Padre Rafael e Leonora busca a remissão por seus pecados numa gruta próxima ao monastério. Nenhum dos dois amantes tem notícias do paradeiro do outro.

Provocado um duelo, Dom Álvaro nega-se a lutar e tenta convencer Carlos de que a vingança resta somente a Deus. Mas Dom Carlos o insulta de tal forma que Dom Álvaro pede uma espada para lutar e convida o adversário para se afastar daquele local sagrado. Dirigem-se, então, às proximidades da gruta onde Leonora vive, atormentada pelas recordações do amor.

Começa o duelo. Dom Carlos cai mortalmente ferido e pede a Dom Álvaro que, sob a pele de Padre Rafael, lhe dê absolvição. Dom Álvaro nega o pedido, acreditando-se maldito, mas vai em busca do “ermitão” que sabia habitar a gruta. Dá-se, então, o encontro dos amantes. Leonora horroriza-se ao ver o irmão que agoniza e corre a abraçá-lo. Porém, Carlos, mesmo às portas da morte, encontra forças para feri-la de morte, enquanto é abraçado.

O abade procura os duelistas e aconselha Dom Álvaro a cessar suas maldições contra o destino e humilhar-se frente ao Todo Poderoso.

Enquanto Leonora agoniza, Dom Álvaro se lamenta desesperado e o Abade os consola. Enfim, morre Leonora. Conhecendo-se a história, pode-se dizer que a crueldade pode derivar para o erotismo. E, como já foi dito, o erotismo abre-se para morte. A morte, para o ser descontínuo, é gozo da continuidade que pode ser mesmo infinitamente durável. Ou seja, a angústia elementar ligada à desordem sexual é significativa na morte.

A morte é a maior das transgressões, principalmente quando advém do assassinio, porque contraria o mandamento bíblico de “não matarás”. E Leonora recebe a maior das violações: a do assassinio inescrupuloso. A esse respeito, BATAILLE (1987, p.100), afirma que

acontece que, sem a evidência de uma transgressão, nós não provamos mais este sentimento de liberdade que exige a plenitude da realização sexual. Se bem que uma situação escabrosa seja às vezes necessária ao espírito ‘blasé’ para alcançar o reflexo do gozo final [...] Esta situação não é sempre assustadora: muitas mulheres não podem gozar sem pensar numa história em que são violadas.

Além disso, a ruptura do interdito ocorrida faz com que o abade sintasse fortalecido do amor de Deus: "O abade ia recuperando a tranqüilidade. Logo que ela partisse de vez, estaria livre do amor. Sua vocação era mesmo Deus, sorriu com alegria" (PIÑON, 1977, p. 100).

A exaltação doentia a Deus volta a tomar o lugar do desejo sexual, pois a tentação (Leonora), aquilo de que o abade "tem medo", está indo embora para sempre.

Leonora, ao experimentar o sabor da maior das transgressões, volta-se ao gozo que a morte lhe proporciona, configurando, assim, a ultrapassagem mais completa do maior dos proibidos: "Álvaro abraça Leonora ocupada com a própria morte." (idem, p. 117)

A partir do excerto supra, pode-se afirmar que a paixão de Leonora é caracterizada pelo halo da morte – ligado ao prazer absoluto e à transgressão, que ultrapassa e completa o proibido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão do erotismo, na obra "A Força do Destino" de Nélida Piñon, advém da sensualidade anormal que se afirma entre a descontinuidade dos seres. Ou seja, num sentido, a busca do prazer proibido observado na obra possui a intensidade da vertigem despertada pela morte.

Nessa relação erótica, observa-se o envolvimento do sofrimento, pois só ele pode revelar a inteira significação do ser amado: se o amante não pode possuir o ser amado, prefere matar a perdê-lo, como ocorre na obra. Essa fúria de paixão (que deveria gerar felicidade, gozo) é tão violenta que faz com que se possa afirmá-la como de caráter altamente erótico.

Portanto, na obra "A Força do Destino" de Nélida Piñon o que caracteriza a paixão de Dom Álvaro e Leonora é a auréola da morte e esta está intimamente ligada ao prazer absoluto, que ultrapassa e termina por completar a união proibida dos amantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERONI, Francesco. 1986. **O erotismo: fantasias e realidades do amor e da sedução.** Trad. Élia Edel. São Paulo: Rocco.

BATAILLE, Georges. 1987. **O erotismo.** 2 ed. Porto Alegre: LPM.

CHAVES, Flávio Loureiro. 1978. **A força do destino.** Minas Gerais – suplemento literário, Belo Horizonte, 25.ago.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. 1994. **Dicionário de símbolos**. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

JOSEF, Bella.1978. Nélide Piñon: a força do destino. **Colóquio** 45: 91-2, set.

KUNDERA, Milan.1999. **A insustentável leveza do ser**. São Paulo: Cia. das Letras,

LEVI-STRAUSS, Claude.1989. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Papyrus.

MEDINA, Cremilda.1978. Nélide Piñon, resistente, preserva o direito de narrar o humano. **O estado de São Paulo**, São Paulo, 9.abr.

PIÑON, Nélide. 1977. **A força do destino**. Rio de Janeiro: Record.

TEPE, Valfredo. 1966. **Prazer ou amor**. Salvador: Mensageiro da Fé Ltda.